

# Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 9 Escola para todos - uma utopia tangível?

1

## Adaptações curriculares

*Maria Filomena Ventura*

Foi mais fácil aceitar a proposta da Direcção da OZARFAXINARS, para organizar e partilhar exemplos de algumas práticas no âmbito do trabalho desenvolvido com alunos com Necessidades Educativas Especiais, ancorada no que Albert Einstein escreveu a propósito dos fundamentos da Física Teórica em 1940,

“A ciência é a tentativa de fazer com que a diversidade caótica das nossas experiências sensoriais corresponda a um sistema de pensamento logicamente uniforme. Neste sistema, as experiências individuais devem ser correlacionadas com a estrutura teórica de uma forma tal que a correlação resultante seja única e convincente.

As experiências sensoriais fornecem-nos o conteúdo da investigação. Mas a teoria que as deve interpretar é produto do homem. É resultado de um laborioso processo de adaptação, por meio de hipóteses; um processo nunca inteiramente concluído e sempre sujeito à dúvida e à refutação” (p. 147).

Não é, ainda, prática comum entre docentes, ao contrário de outros grupos profissionais, a publicação de documentos ou instrumentos de trabalho.

Partilhar tão abertamente trabalhos do quotidiano profissional não constituiu decisão pacífica. A dúvida e a insegurança andam à espreita. No entanto, o texto de Einstein deu a ajuda necessária uma vez que se entende que qualquer dos documentos publicados é parte de um processo *sempre sujeito à dúvida e à refutação*. Mas também, por se acreditar que recrear é uma actividade comum e desejável no trabalho intelectual.

Desta forma, a compreensão de situações conjunturais específicas pode permitir a extrapolação para outros contextos, se constituírem fonte de reflexão e desencadearem iniciativas inovadoras, alternativas às instituídas.

# Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 9 Escola para todos - uma utopia tangível?

2

## Adaptações ao Contexto Turma

As dificuldades de aprendizagem das crianças e jovens decorrem de circunstâncias várias. Depois de diagnosticadas pelo Professor Titular ou Conselho de Turma (conforme o ciclo de ensino), Encarregados de Educação ou outros técnicos, a primeira abordagem é a definição de um conjunto de medidas pedagógicas que promovam o sucesso do processo de ensino-aprendizagem do aluno. Estas medidas são definidas no âmbito do Projecto Curricular de Turma (PCT), ao abrigo do nº4 do art 2º do DL 6/2001, de 18 de Janeiro.

O Decreto-lei 6/2001 estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão curricular do ensino básico. No artigo 2º, ponto 3, é referido que as estratégias de desenvolvimento do currículo nacional podem ser adequadas “ao contexto de cada escola, sendo objecto de um projecto curricular de escola”. No ponto 4, é sublinhado que o Projecto Curricular de Turma consubstancia a adequação das estratégias de concretização e desenvolvimento do referido currículo e do Projecto Curricular de Escola. Assim, o Conselho de Turma pode, sempre que considere necessário, proceder a ajustes e adequações do currículo nacional de forma a responder ao grupo-turma com que trabalha ou a um grupo específico de alunos.

Estas adaptações podem ter desenhos diferenciados. No âmbito do Projecto Curricular de Turma, o Conselho de Turma pode proceder a adaptações que não ponham em causa a aquisição das competências terminais de ciclo e que têm como padrão o currículo comum.

Numa breve abordagem, é possível equacionar alguns procedimentos para a definição de adaptações ao contexto da turma.

## Adaptações ao nível de Currículo / Metodologia / Estratégias

- Proceder a ajustes efectivos do desenho curricular, seleccionar o que considerar mais significativo e oportuno para o grupo de alunos e que deve ser enquadrado no Projecto Curricular de Turma. (Este procedimento requer que se considere, efectivamente, a dimensão diagnóstica da avaliação. O aprofundamento e o domínio do currículo podem ser muito diferenciados mas requerem, por parte do docente, a interiorização de uma perspectiva global do currículo);
- Enfatizar a aquisição de conhecimentos, adiar a aplicação;
- Recorrer ao manual, quando oportuno e necessário;
- Produzir materiais específicos;

# Ozarfaxinars

e-revista ISSN 1645-9180

Nº 9 Escola para todos - uma utopia tangível?

3

- Proporcionar, regularmente, na mesma aula contextos diferenciados de aprendizagem: trabalho de par/cooperativo, trabalho de grupo e trabalho individual/autónomo;
- Solicitar ao aluno tarefas que seja, efectivamente, capaz de realizar;
- Ajustar a extensão das tarefas;
- Ajustar o tempo à realização das tarefas;
- Introduzir, sequencialmente, tarefas que constituam um desafio.

Em articulação com as adaptações ao nível do currículo, da metodologia e das estratégias podem definir-se adaptações ao nível da avaliação.

## Adaptações ao nível da Avaliação

1. Enfatizar a dimensão formativa e contínua da avaliação.
2. Valorizar a oralidade.
3. Adaptações nas fichas de avaliação ou de trabalho:
  - Mais pequenas ou mais tempo para a sua resolução;
  - Estrutura global das fichas:
    - . Reduzida informação por página;
    - . Organizar informação de forma simples e sequencial;
    - . Solicitar a resolução na folha do enunciado;
    - . Assegurar que as instruções são claras;
    - . Assegurar que a informação necessária para responder a uma questão está na mesma página;
    - . Utilizar linguagem simples;
    - . Utilizar tamanho da letra maior ou igual a 12 e espaçamento mínimo entre linhas de 1,5;
    - . Figuras de fácil leitura e/ou com legenda simples;
    - . Textos pequenos de leitura fácil;
    - . Questões directas;
    - . Questões com ajuda da evocação da informação;
      - Preenchimento de espaços (com ou sem palavras-chave);
      - Respostas múltiplas;

# Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 9 Escola para todos - uma utopia tangível?

4

Ligação de conceitos;

Ordenar frases;

Facultar exemplo antes do grupo de questões.

- Local de resolução do instrumento de avaliação: sala de estudo, biblioteca, ...);
- Suporte à resolução do instrumento de avaliação: leitura da prova, inicial ou à medida da resolução.

Estas propostas não carecem de enquadramento da Educação Especial para serem implementadas. No entanto, a sua definição e enquadramento devem ser explicitados no Projecto Curricular de Turma.

Apresentamos em [http://www.cfaematosinhos.eu/Ed\\_ozarfaxinars\\_n9.htm](http://www.cfaematosinhos.eu/Ed_ozarfaxinars_n9.htm) alguns exemplos de adaptações concebidas face a alunos concretos. A identificação é omitida para manter a confidencialidade, sendo os alunos codificados como Aluno-caso, numerados de 1 a 5.

Na eventualidade destas medidas não serem suficientes, e após avaliação do aluno por uma equipa multidisciplinar, configuram-se diferentes opções para o jovem. A aplicação de medidas previstas no DL 3/2008, de 7 de Janeiro, é apenas uma das possibilidades. Existem outras medidas menos restritivas, nomeadamente a frequência de percursos formativos alternativos.

O Aluno-caso 3 frequenta a escola ao abrigo do DL 3/2008, de 7 de Janeiro, com medidas educativas mais restritivas, do que as descritas nos casos anteriores.

Relativamente ao Aluno-caso 5, as adaptações definidas têm vindo a revelar-se menos eficazes. À medida que o aluno progride na sua escolaridade as dificuldades no processo de ensino-aprendizagem tornam-se mais evidentes. Neste momento, considera-se como mais ajustado ao seu perfil, a opção por uma formação de cariz mais profissionalizante, como por exemplo a frequência de um Curso de Educação e Formação.